



JOSÉ MATHEUS DE BRITTO

**EVOLUÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL E PAISAGÍSTICA DA
PRAÇA DR. JORGE - LAVRAS**

LAVRAS – MG

2021

JOSÉ MATHEUS DE BRITTO

**EVOLUÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL E PAISAGÍSTICA DA
PRAÇA DR. JORGE - LAVRAS**

Monografia apresentada à Universidade
Federal de Lavras, como parte das exigências
do Curso de Graduação em Agronomia para a
obtenção do título de Bacharel.

Prof^ª. Dr^ª. Patrícia Duarte de Oliveira Paiva
Orientadora

Prof^ª. Dr^ª. Michele Valquíria dos Reis
Coorientadora

Dr^ª. Iracema Clara Alves Luz
Coorientadora

LAVRAS – MG

2021

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por iluminar meus caminhos e minhas escolhas e por me dar forças todos os dias.

Aos meus pais Elaine de Fátima Vignando Britto e José de Britto, que sempre estiveram presentes em todas as etapas da minha vida, do meu desenvolvimento e fizeram de tudo para que eu pudesse alcançar meus sonhos, acreditando e confiando no meu potencial e dando energia extra para eu seguir sempre pelo melhor caminho.

A Universidade Federal de Lavras pela oportunidade de realizar meu curso de graduação e por me proporcionar todos os conhecimentos e vivências que ajudaram a construir a pessoa que sou.

Ao NEPAFLOR que durante esses anos foi minha segunda casa e minha família do coração com quem dividi os melhores momentos e aprendi muito.

A Dra. Iracema Clara Alves Luz por me inspirar, sendo minha companheira de trabalho e amiga, uma excelente profissional. Por todas as conversas, conselhos e ensinamentos.

A Professora Dra. Patricia Duarte de Oliveira Paiva, por todo carinho, paciência, por todos os ensinamentos e por ter aberto diversas oportunidades desde o início da minha vida acadêmica.

A Professora Dra. Michele Valquíria dos Reis pela amizade, por toda atenção, carinho, paciência e todos os ensinamentos passados. Por me ajudar a crescer profissionalmente e pessoalmente.

Ao Yudi e sua família que durante o ano de 2021 me acolheram e estiveram sempre presentes dando forças para continuar.

A todos amigos que me ajudaram a crescer, seguir em frente e dividiram comigo diversos momentos, emoções e sensações.

MUITO OBRIGADO!

RESUMO

As praças públicas são espaços de convívio ao ar livre da população, frequentemente beneficiando quem utiliza de seus espaços e embelezando a cidade que as mantêm; porém, para além disso, desempenham função importante no contexto de desenvolvimento urbano e ambiental. Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo analisar e entender a evolução paisagística e sociocultural da Praça Dr. Jorge. O trabalho teve o período de estudo compreendido entre a década de 1910 e 2021, no qual foram realizadas análises fotográficas, levantamento documental de fatos ocorridos nesse período e entrevista com pessoas que participaram do processo de transformação da praça. Durante a década de 1910, a praça era composta de uma área sem delimitações e apresentava paineiras (*Ceiba speciosa*) que compunham a paisagem do local. Durante a década de 1930 a praça recebeu canteiros onde foram cultivadas espécies ornamentais, como fícus (*Ficus benjamina*), buxinhos (*Buxus* spp.) e *Cupressus sempervirens* todas estas mantidas em topiaria. Ainda, haviam as roseiras (*Rosa* spp.) e primaveras (*Boungainvillea glabra*). Muitas modificações ocorreram ao longo do tempo e atualmente tem-se presente na praça grande variedade de espécies, incluindo como agaves (*Agave* spp.), jasmim-manga (*Plumeria rubra*) e zínias (*Zinnia elegans*), as quais foram inseridas sem um estudo prévio da compatibilidade dessas plantas com o ambiente e o projeto original. Ao contrário de outras praças, a Praça Dr. Jorge não possui nenhum monumento edificado. Durante os anos a praça passou por diversas transformações e hoje o aspecto que a praça apresenta é resultado do conjunto de intervenções feitas. O traçado ainda se mantém semelhante, mas o estilo difere bastante do utilizado inicialmente.

Palavras-Chave: Jardins históricos, paisagismo, resgate histórico.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. REFERENCIAL TEÓRICO	2
2.1 Revisitando a História do Patrimônio	2
2.2 Jardins Históricos	3
3. MATERIAIS E MÉTODOS	7
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	9
4.1 Origem da praça	9
4.1.1 Lavras em seus primórdios	9
4.1.2 Primórdios da Praça Dr. Jorge	9
4.1.3 As Paineiras	11
4.1.4 A Criação do Jardim	12
4.1.5 O Amante da natureza	16
4.2 O entorno da Praça Dr. Jorge	17
4.2.1 A Praça e o Bonde	19
4.2.2 O casarão dos Zagotta	20
4.2.3 O Grupo Escolar Álvaro Botelho	22
4.3 A evolução do jardim	23
4.3.1 A filha da árvore monumento	26
4.3.2 A primeira reforma	28
4.3.3 As mudanças posteriores	30
4.3.4 Transformações do espaço circundante	33
4.3.5 As últimas grandes reformas	35
4.3.6 A praça na atualidade	37
4.3.7 As apropriações contemporâneas	42
5. CONCLUSÃO	44
REFERÊNCIAS	45

1. INTRODUÇÃO

Espaço de convívio ao ar livre da população, as praças públicas passam constantemente por alterações com o intuito de trazer benefícios para a comunidade que nela está inserida ou de induzir a maneira como devem ser usadas, seja pela construção de canteiros, arborização do ambiente ou ainda, com a implantação de construções físicas. As praças valorizam esteticamente o espaço urbano e trazem, através do conjuntos de diferentes espécies vegetais, importantes aspectos ambientais e sociais para a cidade.

Quanto aos aspectos ambientais, podemos elencar a diminuição da poluição sonora, melhoria da qualidade do ar, diminuição das temperaturas dentro dos centros urbanos, preservação das áreas verdes, dentre outros. Todos estes aspectos influenciam diretamente a qualidade de vida e outras interações sociais entre indivíduo e natureza ou indivíduos entre si, uma vez que propicia espaços de convívio.

Diante disso, o estudo do resgate histórico-cultural da Praça Dr. Jorge tem importante papel de evidenciar a relevância da praça e de todos os processos que envolvem o seu desenvolvimento, associados à própria evolução da cidade de Lavras.

No início, a Praça Dr. Jorge fazia parte do espaço arborizado localizado na propriedade da família do Dr. José Jorge da Silva. Com o tempo, se transformou em uma das maiores e mais importantes praças de Lavras, seja por fazer parte da memória da população residente nas proximidades ou abrigar construções com grande valor histórico e cultural para cidade, como o Instituto Presbiteriano Gammon, Escola Municipal Álvaro Botelho e residências, a exemplo do casarão da família Zagotta, que já não existe mais.

Conhecer a história desta praça permite entender como se deu o processo de urbanização da cidade de Lavras e, mais do que isso, estimula uma mudança de olhar para com os jardins públicos, refletindo em sua maior valorização.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Revisitando a História do Patrimônio

O patrimônio é uma palavra de origem latina, *patrimonium* cujo significado é de origem romana e se refere a todo bem pertencente ao pai, pater ou pater famílias, pai de família (FUNARI; PELLEGRINI, 2006:10). A sociedade romana, entendia que tudo que estava sob o domínio do senhor era *patrimonium*. Assim, tudo e todos, incluindo as pessoas, seriam legados por testamentos, e eram considerados bens móveis e imóveis do senhor. A maioria da população que não tinha nenhum tipo de bens, não possuía ou tinha direito ao patrimônio, ou seja, o patrimônio para eles eram bens que deviam passar a diante.

Assim, de acordo com Funari e Pellegrini (2006), para a sociedade romana o patrimônio era considerado privado, individual, apenas dos aristocratas. Neste sentido, foi somente com a difusão do cristianismo a partir do século (IV-V) na idade média o patrimônio passou a ser simbólico e coletivo.

O conceito que existe hoje de patrimônio só ganha força entre 1914 e 1945, onde após a Guerra Mundial supera a nação e surgem organismos internacionais como a ONU e UNESCO quebrando barreiras e abrindo espaço para o patrimônio provincial ou municipal, de comunidades indígenas, mulheres e grupos religiosos e esportivos (IDEM, 2006); não mais no âmbito privado ou religioso das tradições antigas e medievais, mas de todo um povo com uma única língua, origens e território.

Com relação ao conceito de patrimônio cultural brasileiro, a Constituição Federal define como os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira; estabelece a obrigatoriedade do poder público, com a colaboração da comunidade, de promover e proteger o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação.

Além disso, enumera exemplificativamente um rol de elementos pertencentes ao patrimônio cultural brasileiro, no Art. 216:

- as formas de expressão;
- os modos de criar, fazer e viver;
- as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- as obras, os objetos, os documentos, as edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico;
- Os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos, que ficaram tombados pela Constituição Federal.

2.2 Jardins Históricos

O Jardim Histórico é uma categoria de patrimônio histórico sancionada pela Carta de Florença de 1982 e adotada em vários países. A história oficial do conceito começa quando a Carta de Veneza, adotada em maio de 1964 por ocasião do II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos de Monumentos Históricos, realizado sob a égide do ICOMOS, consagrou-se em seu artigo 1º, como definição de histórico monumento, às arquiteturas e lugares urbanos e rurais que testemunham “uma civilização particular, uma evolução significativa ou um acontecimento histórico”. No entanto, ainda não havia definição para jardins (IPHAN, 2006).

A Carta de Florença, formalizada em 1982 pelo ICOMOS e a CCIJH, estabelece uma série de parâmetros para seu reconhecimento e conservação. Na carta, os Jardins Históricos são considerados "monumentos vivos" de interesse público, sendo resultado de planejamento deliberado e compostos por elementos arquitetônicos e vegetais. Estes jardins compreendem uma relação estreita entre natureza e civilização. A carta deu relevância ao desenvolvimento do conceito de Paisagem Cultural, com o qual o de Jardim Histórico mantém afinidade. (CARTA DE FLORENÇA, 1981).

O conceito mais tarde incluiu outros jardins, que podem conter elementos arqueológicos; que foram palco de importantes acontecimentos políticos, religiosos e sociais, podendo ser locais de desenvolvimento de tradições, saberes, práticas e representações sobre a natureza em integração com o homem, ou que são elementos de valor na identidade e imagem de alguns lugares e cidades como guardiãs de parte da memória cultural e da identidade coletiva de uma determinada sociedade.

No Brasil, o tema começou a ser estudado pela Coordenação do Patrimônio Natural do IPHAN na década de 1980, dando origem ao Programa Jardins Históricos, que visava catalogar, preservar e restaurar jardins protegidos considerando seus aspectos paisagísticos e artísticos (ANGELIS & ANGELIS NETO, 2004).

Com o programa de Jardins Históricos deu-se início a Carta dos Jardins Históricos Brasileiros, também conhecida como Carta de Juiz de Fora, traduzindo os princípios expressos na Carta de Florença para a realidade brasileira. A Carta Brasileira incluiu em sua definição: jardins botânicos, praças e parques, praças públicas, avenidas arborizadas e ajardinadas, hortas, pomares, pátios e jardins privados de tradição familiar, bem como zoológicos, plantações rurais, cemitérios, claustros, espaços verdes em redor de monumentos ou no interior de cidades e centros históricos, devendo estes espaços apresentarem particular relevância para a sua localização (IPHAN, 2010).

Jardins históricos, públicos ou privados, têm a capacidade de proporcionar a quem os frequenta novas experiências, de uma realidade até então não percebida (IPHAN, 2010). A conservação dos jardins históricos é do interesse de todos, uma vez que são importantes totens de preservação e equilíbrio ambiental, trabalho, patrimônio e, também, da vida (ANDRADE, 2008).

Os jardins históricos são um importante comprovação da relação entre cultura e natureza, um testemunho que se preserva no caráter das intervenções realizadas no local e na preservação do espírito do lugar. Preservá-los não significa apenas cuidar de um legado do passado, mas criar as condições para novos bens que enriquecem o patrimônio do futuro (IPHAN, 2010).

Considerando os jardins históricos como sistemas harmônicos, a integridade depende do grau de equilíbrio que os elementos que os compõem mantêm entre si. O conjunto de elementos que constituem um sítio histórico constitui uma unidade básica. Com base nesse entendimento, cada elemento, cada parte, pode ser descrito de acordo com a intenção original. Integridade se refere a quão completa é a propriedade e quanto ela

preserva o equilíbrio entre os vários elementos componentes. Suas qualidades intrínsecas estão relacionadas à qualidade dos materiais, sua construção, desenho e localização (DELPHIM, 2005).

A autenticidade é um aspecto fundamental na avaliação de jardins históricos, bem como de qualquer bem cultural. É o grau de originalidade dos diferentes elementos de um mesmo sistema. A autenticidade de um jardim histórico, como qualquer outro bem cultural, depende do quão originais ou genuínos são os seus materiais, tendo em conta quando e como foi criado, tendo em conta o seu envelhecimento e as alterações que o afetaram ao longo do tempo. A maioria das propriedades históricas são alteradas pela ação da natureza e pela forma como são usadas, considerando as mudanças como parte da camada histórica de propriedade (MANUAL DE INTERVENÇÕES EM JARDINS HISTÓRICOS, 1999).

Nos últimos anos, as intervenções urbanas, especialmente aquelas realizadas em áreas abertas das cidades, têm muitas vezes conduzindo a ações desastrosas e negativas para os jardins históricos, porque a pretexto de resolver problemas urbanos ou sociais, muitas intervenções têm sido feitas ao seu custo mais precioso, contribuindo para a sua degradação.

Recentes trabalhos de resgate histórico como os divulgados através da coleção *Praças da Estrada Real* (Ed. UFLA, publicados de 2008 em diante), organizados por Patrícia Duarte de Oliveira Paiva, possuem grande importância e impacto, pois atuam como ferramenta para auxiliar as futuras intervenções, servindo de referência e induzindo a preservação da história e do ambiente. Para além de significativos registros, assumem também papel de valorizar e resgatar os jardins históricos como símbolos de uma interconexão entre o histórico com o social e paisagístico.

Lavras possui em seu território alguns dos jardins históricos que fazem parte da coleção *Praças da Estrada Real*, como História da Praça do Campus da UFLA (PAIVA & ALVES, 2011) e História da Praça Dr. José Esteves (LUZ & PAIVA, 2017). O primeiro detalha as transformações que ocorreram dentro do primeiro jardim da Universidade Federal de Lavras, sendo um dos principais pontos de convívio dos alunos e funcionários da universidade. Além disso, a praça também era utilizada para atividades fora das salas de aula e eventos que eram sediados na universidade. O segundo detalha as transformações da praça da estação, local onde as pessoas desembarcavam de suas e eram recebidas, sendo um dos principais e primeiros pontos de desenvolvimento da cidade.

A proteção e conservação de jardins históricos é um dos patrimônios culturais, devendo fazer parte dos planos de desenvolvimento local e regional, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida das populações urbanas.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia adotada para o desenvolvimento deste trabalho foi baseada no método *Patchwork Quilt* (PAIVA et al, 2021) que consiste em analisar a evolução de um espaço através de diferentes aspectos — estes tratados pelos autores como *Patches*. Tais aspectos compreendem as propriedades físicas, em especial as mudanças, assim como aspectos que podem ser considerados de uma vertente mais subjetiva, como estética, atribuição de valores simbólicos e fenomenológicos.

Na primeira etapa do projeto, foram realizadas pesquisas de campo para identificação do significado histórico da praça Dr. Jorge por meio de levantamentos documentais, pesquisas bibliográficas, arquivologias, iconográficas e entrevistas.

As principais análises documentais foram realizadas através de um compilado de registros e imagens noticiadas nas edições de diversos periódicos da cidade de Lavras. Tais arquivos continham décadas de informações reunidas pelo Jornal Tribuna de Lavras, Lavras News e Jornal de Lavras. Todo o acesso aos materiais foi concedido através da Biblioteca Municipal de Lavras e pela Prefeitura de Lavras.

As entrevistas foram concedidas por pessoas que participaram ativamente da história e evolução da praça e seu entorno. Sendo estes comerciantes de longa data, moradores que se estabeleceram a gerações no local e com funcionários dos órgãos municipais que desempenham atividades diretamente relacionadas às praças de Lavras e às questões socioambientais.

A pesquisa da evolução histórica da Praça Dr Jorge contém dados de suas transformações morfológicas do espaço ocupado pela praça e na representação social desta no inconsciente coletivo da população da cidade de Lavras.

Na segunda fase do projeto, foram feitos levantamentos do estado atual da praça por meio de visitas ao local, localização exata das espécies vegetais, caminhos, estruturas e construções. Foi realizada também uma análise com objetivo de identificar origem, características estéticas e importância dos monumentos culturais e históricos presentes na

praça bem como no seu entorno. A caracterização do entorno tem grande importância nas transformações e usos atuais do espaço público.

Na última fase da pesquisa da Praça Doutor Jorge foi feita a compilação de dados textuais adquiridos após serem feitos os devidos levantamentos da área e de toda a história da praça, para a produção de um livreto, com o intuito de abordar a evolução do uso da praça, bem como a apropriação da praça no inconsciente coletivo da população. Dessa forma, foi possível se elaborar a história do espaço, além de analisar a evolução, sobretudo paisagística, desta área, contribuindo assim para caracterização e preservação do patrimônio natural e cultural nacional, além do entendimento da identidade paisagística nacional.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Origem da praça

4.1.1 Lavras em seus primórdios

A cidade de Lavras, fundada em 1729 pelo bandeirante Francisco Bueno da Fonseca e elevada à condição de vila em 1831, era abundante em riquezas naturais como o ouro, que era encontrado em vários terrenos e no leito dos córregos, sendo essa a principal atividade econômica e uma característica marcante do arraial entre o século XVIII e XIX. A medida que se tornava escassa, a atividade de lavar o ouro foi sendo progressivamente substituída pela agropecuária.

O desenvolvimento da cidade inicialmente ocorreu ao redor do primeiro templo religioso erguido no núcleo urbano, a capela de Sant'Anna, inaugurada em 1754. Após a construção de sua primeira igreja católica, foram surgindo outros templos religiosos de crenças diferentes, além de diversas instituições de ensino, o que fez com que fosse caracterizada como “Cidade dos Ipês e das Escolas”.

Além disso, a chegada da Estrada de Ferro Oeste de Minas, no ano de 1895, contribuiu para que a cidade se desenvolvesse também em sua porção norte, pois nesta localidade foi construída a Estação Ferroviária de Lavras, ocasionando a instalação de diversas indústrias e o progresso urbanístico do município.

Aliado a isso, outros fatos e pessoas marcaram a história da cidade ao trazerem consigo parte deste progresso. Dentre eles, destaca-se Samuel Rhea Gammon, fundador do Instituto Presbiteriano Gammon.

4.1.2 Primórdios da Praça Dr. Jorge

Em 1890, em consequência de um surto de febre amarela na cidade de Campinas, localizada no estado de São Paulo, os presbiterianos vindos dos Estados Unidos, e que ali residiam em caráter missionário no sentido de prestar serviços de educação, decidiram procurar um novo local para continuar suas atividades.

Foi então que Samuel Rhea Gammon, juntamente com David G. Armstrong, saíram a procura de um novo local para dar continuidade ao trabalho que era feito no interior paulista. Após procurarem em diversas regiões de Minas Gerais, escolheram a cidade de Lavras devido à fertilidade de suas terras e a futura ampliação da malha ferroviária da Estrada de Ferro Oeste de Minas, que chegaria até a cidade. Dessa forma, além do Reverendo Armstrong, Dr. Gammon contou com o auxílio de outros missionários, como Carlota Kemper, Henriqueta Armstrong, Eliza Reed, Sara Chambers e Benjamin Harris Hunnicutt.

Após diversas visitas, o Dr. Gammon alugou a Chácara das Palmeiras, pertencente à família do Dr. Jorge e localizada na zona norte do município. Naquele local, em 1893, foram provisoriamente instaladas as salas de aula do Instituto Evangélico, responsável pela instrução elementar apenas de meninas e que, passado algum tempo, instalou-se definitivamente na Praça Municipal (hoje Praça Dr. Augusto Silva), onde funcionava também o internato feminino e, posteriormente, começou também a aceitar meninos apenas para instrução, vindo a se chamar Colégio Carlota Kemper.

O Instituto Presbiteriano Gammon, modo mais popular de referir-se ao Instituto, está e sempre esteve inserido defronte a um espaço arborizado que, desde seus primórdios é conhecido como Praça Dr. Jorge.

Figura 1 - O interior do Instituto Presbiteriano Gammon ainda em expansão. A partir dessa imagem, é possível observar a Praça Dr. Jorge com as paineiras



Data provável: Década de 1920
Fonte: Arquivos Renato Libeck

4.1.3 As Paineiras

O espaço fronteiro ao Ginásio de Lavras era arborizado com paineiras (*Ceiba sp.*), espécie arbórea conhecida como “barriguda”. Em imagem da década de 1910, abaixo descrita como Figura 2 (a), observa-se a presença de uma paineira ainda jovem. O local possuía apenas chão de terra batida sem delimitação, não se caracterizando como um espaço urbano público.

Ainda, é possível observar a fonte de água, com pessoas abastecendo seus potes e a presença dos trilhos do bonde ao fundo. Naquela época, Lavras já possuía abastecimento de água potável canalizada, que foi implantado em 1885, porém não era fornecida para todas as casas. Por isso, a cidade contava ainda com mais 7 fontes públicas, sendo que uma delas estava inserida na Praça Dr. Jorge. Essa fonte estava instalada em frente a uma casa aonde posteriormente viria a ser erguido o Grupo Escolar Álvaro Botelho. Além da fonte pública para fornecimento de água, o local possuía também iluminação com combustores e lâmpadas belgas instalados em 1905.

Figura 2 - (a) A presença de paineiras e fonte de água no espaço que futuramente se tornaria a Praça Dr. Jorge, na década de 1910. Na imagem, é possível ver os trilhos do bonde (1), a fonte (2) e, ao fundo, a casa que deu lugar ao Grupo Escolar Álvaro Botelho; (b) Detalhes da fonte pública de água.



(a)



(b)

Com o passar do tempo, a copa das árvores tornou-se densa, promovendo sombreamento que permitia o uso do local para recreação e descanso. Nota-se que não havia bancos, portanto as pessoas se sentavam no chão e usavam o tronco das árvores como encosto. Além disso, o local servia como passagem de pedestres para atravessar de uma extremidade a outra.

Figura 3 - Perspectiva promovida pelas paineiras para o Casarão dos Zagotta, visto no fundo da imagem



Data provável: Década de 1930
Fonte: Arquivos Renato Libeck

As paineiras foram plantadas apenas nas laterais do terreno, em um grupo de no mínimo 12 exemplares, de modo a envolvê-lo. Por não haver nenhuma espécie plantada no centro do espaço, as árvores promoviam a perspectiva parcial do mais imponente casarão da praça e um dos mais importantes de Lavras, pertencente à família Zagotta.

4.1.4 A Criação do Jardim

Durante a década de 1930, as paineiras presentes no local foram cortadas, ficando o espaço com o solo completamente exposto. Na imagem a seguir observam-se os tocos remanescentes das árvores, restando apenas um exemplar na praça. Mesmo com a

desorganização promovida pelo corte, as pessoas continuaram usando o espaço, promovendo o surgimento de caminhos improvisados sobre o terreno. Na mesma imagem avista-se, ao fundo, o muro do Instituto Presbiteriano Gammon.

Figura 4 - A área após o corte das paineiras



Data provável: 1930

Fonte: Arquivos Renato Libeck

Não se pode afirmar o motivo do corte das paineiras, mas esse fato coincide com o momento em que são feitos cortes de espécies arbóreas na Praça Monsenhor Domingos Pinheiro, quando essa praça também recebe um primeiro ajardinamento. Uma reforma nos jardins da Praça Dr. Augusto Silva também foi realizada neste período, década de 1930, durante a administração municipal do Coronel Pedro Salles (1935-1939). Não se tem a data exata da construção da praça Dr. Jorge, mas infere-se que tenha sido neste período.

A imagem a seguir mostra a praça, que possuía caminhos de chão de terra batida, já com seus canteiros delimitados e a diferença de pavimentação entre a rua e o jardim. Nos canteiros, percebe-se a presença do plantio de espécies similares ao buxinho (*Buxus sempervirens*).

Figura 5 - Início da implantação dos canteiros da Praça Dr. Jorge



Data provável: Final da década de 1930
Fonte: Arquivos Renato Libeck

A praça passa então a ter um traçado definido, pertencente ao estilo clássico. Em imagem aérea da década de 1930 é possível perceber que esse traçado era simétrico, possuindo a praça dois canteiros centrais maiores e doze canteiros menores, todos em formato retangular, ficando seis canteiros na extremidade norte e os outros seis canteiros na extremidade sul da praça. Tal simetria e organização do espaço remetem ao estilo clássico. O terreno também possuía formato retangular, sem a presença de interrupções viárias em sua extensão.

Figura 6 - Fotografia aérea da Praça Dr. Jorge



Data provável: Década de 1930
Fonte: Arquivos Renato Libeck

Figura 7 - Fotografia aérea ampliada, mostrando a configuração da praça. Os canteiros centrais (retângulos internos), assim como a delimitação da praça (retângulo externo), estão demarcados na imagem



Data provável: Década de 1930
Fonte: Arquivos Renato Libeck

Com a retirada das paineiras e ajardinamento do local, o casarão dos Zagotta ficou ainda mais em evidência, se tornando então o símbolo da praça, cumprindo a função de monumento edificado, algo que nessa época quase sempre ficava relegado a edifícios religiosos e/ou institucionais.

Figura 8 - Praça Dr. Jorge



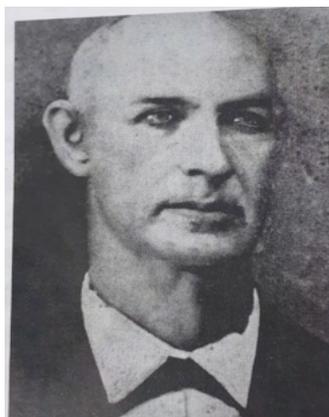
Data provável: Década de 1930
Fonte: Arquivos Renato Libeck

Nesta mesma época, mais precisamente em 30 de dezembro de 1939, por meio do Decreto de Lei n.12, o espaço recebeu oficialmente o nome Praça Dr. Jorge.

4.1.5 O Amante da natureza

José Jorge da Silva nasceu no dia 23 de abril de 1810, na Vila de Santa Quitéria, distrito de Sabará - MG. Entretanto, foi em Lavras que o advogado Dr. Jorge se destacou, tendo trabalhado no cenário sócio-político entre os anos de 1835 a 1850, exercendo cargos como deputado provincial, promotor público e agente executivo.

Figura 9 - Dr. José Jorge da Silva



Data desconhecida

Fonte: Németh-Torres (2018)

Foi neste último cargo que, durante o ano de 1850, devido às péssimas condições que existiam nos meios de transporte em Lavras e região, Dr. Jorge propôs melhorar tais condições com o uso da navegação do Rio Grande. Assim, no final do ano de 1880 foi concretizado o projeto de navegação, sendo o barco a vapor que circulava no Rio Grande batizado de “Dr. Jorge”, em homenagem a dedicação deste personagem para a navegação em Lavras. Ainda como agente executivo de Lavras, foi responsável também pela primeira arborização do Jardim Municipal (hoje Praça Dr. Augusto Silva), realizada em 1853.

Apesar dos benefícios por ele implementados na cidade e região, Dr. Jorge é mais conhecido por ter sido pai do Dr. Augusto José da Silva, médico famoso pelas suas atitudes caridosas, e que hoje dá nome à principal praça de Lavras. Dr. Jorge também foi bisavô do célebre escritor Rubem Alves.

Dr. Jorge faleceu no dia 5 de fevereiro de 1880, aos 69 anos de idade na cidade de Bom Sucesso, em Minas Gerais. Dr. Jorge possuía uma chácara com área aproximada de 138.000 m², onde cultivava seu amor pelas plantas, local que depois de sua morte foi alugado e posteriormente vendido por sua família para o grupo de missionários protestantes norte-americanos que chegaram na cidade de Lavras a partir do ano de 1893. Parte da propriedade foi utilizada para a construção do Ginásio de Lavras, hoje conhecido com Instituto Presbiteriano Gammon, enquanto outra parte permaneceu livre, dando origem à Praça Dr. Jorge.

4.2 O entorno da Praça Dr. Jorge

O entorno da praça estava envolvido por diversas edificações. A imagem a seguir mostra, além dessa, diversas outras características, como por exemplo, a observada no canto esquerdo da imagem, onde dois homens saem de uma das construções carregando uma peça de madeira. Ali, funcionava a marcenaria dos irmãos Tininho, Canhoto e Marreta. O canto

esquerdo da foto retrata uma característica cultural da época: um homem, vestindo trajes como paletó e chapéu, realizava a rega dos canteiros. É possível ver também o Instituto Presbiteriano Gammon murado, com “O Prédio” ao fundo e os trilhos do bonde instalados paralelamente à praça.

Figura 10 - Vista de uma das laterais da Praça Dr. Jorge com canteiros recém-implantados



Data provável: Final da década de 1930
Fonte: Arquivos Renato Libeck

Outra imagem, do mesmo ângulo que a anterior, porém com campo de visão mais ampliado, mostra mais detalhes da praça, como o crescimento de espécies topiadas e a presença de postes de iluminação, assim como as demais construções existentes ao redor.

Figura 11 - Praça Dr. Jorge e as construções circundantes



Data provável: Década de 1940
Fonte: Arquivos Sra. Cilu Fonseca

No lado oposto, funcionava a padaria São Jorge, que havia sido inaugurada em 1919 por Jorge Marcelino de Silva Júnior. No mesmo lado que a padaria São Jorge estava instalada a oficina do sapateiro Sr. Faria. Há relatos também do funcionamento de barbearia, armazéns, loja de ferragens e loja de tecidos. Portanto, o comércio existente era predominantemente de pequenos serviços, assim como o de educação, uma vez que, além do Instituto Presbiteriano Gammon, também estava instalado o Grupo Escolar Álvaro Botelho.

4.2.1 A Praça e o Bonde

A praça Dr. Jorge era um importante ponto de passagem do bonde. Esse meio de transporte ligava a Estação Ferroviária, parte mais baixa da cidade, ao seu ponto mais alto, correspondente hoje à Funerária Carvalho. Durante seu período de funcionamento, que corresponde aos anos de 1911 a 1967, foi o único transporte público existente em Lavras.

Os trilhos do bonde passavam rente à praça, como pode-se observar na figura 5. Ao atravessar a cidade, o bonde fazia a ligação das principais praças, sendo que na praça Dr. Jorge, estavam inseridos postes de energia elétrica responsáveis por sua tração. Alguns destes, por sua vez, serviam também de ponto de embarque e desembarque desse meio de transporte, possuindo uma faixa de sinalização indicativa da parada.

Figura 12 - Praça Dr. Jorge e a linha de bonde



Data provável: Década de 1930
Fonte: Arquivos Renato Libeck

4.2.2 O casarão dos Zagotta

Em 1989, Salvador Zagotta saiu de Celico, na Itália, para construir uma nova vida no Brasil. No início, residiu no Rio de Janeiro, onde trabalhou em uma estrada de ferro, o que o trouxe para Lavras, onde se instalou definitivamente, casando-se com Rozalina de Pádua.

Com o intuito de construir sua casa, em outubro de 1921, o Sr. Zagotta solicitou ao coronel Augusto Salles, presidente da Câmara de Lavras, que fosse feita uma ligação de água em seu terreno, localizado na praça Dr. Jorge.

A casa foi inaugurada em 15 de outubro de 1922, em comemoração aos 100 anos da Proclamação da República do Brasil. Possuía estilo eclético, com detalhes de esculturas mitológicas na fachada e pinturas em seu interior, além de um jardim com peças, como fontes, que remetiam aos jardins italianos.

Figura 13 - O Casarão dos Zagotta



Data provável: Década de 1930
Fonte: Arquivos Renato Libeck

No pavimento térreo, funcionava um empório denominado 1º Barateiro, que foi mantido por Salvador Zagotta durante muitos anos e era uma referência de comércio na região. No pavimento superior estava instalada a residência da família. A construção erguida pelo imigrante italiano chamava a atenção pela sua beleza e imponência, se tornando um marco arquitetônico do espaço.

Figura 14 - O interior do empório 1º Barateiro, no sobrado dos Zagotta



4.2.3 O Grupo Escolar Álvaro Botelho

Localizado adjacente à Praça Dr. Jorge, o Grupo Escolar Álvaro Botelho foi inaugurado no dia 23 de maio de 1933. Foi o segundo grupo escolar a ser instalado na cidade de Lavras, depois do Grupo Escolar de Lavras (atual Escola Estadual Firmino Costa).

A escola recebeu esse nome em homenagem a Álvaro Augusto de Andrade Botelho, que nasceu em Lavras em 8 de fevereiro de 1860. O Dr. Álvaro Botelho era advogado e, além de exercer a advocacia, também se destacou na política, a nível estadual, como deputado geral do Estado de Minas Gerais e a nível municipal, em sua cidade natal, onde exerceu cargos de vereador, presidente da câmara e agente executivo, proporcionando diversos avanços para a cidade, principalmente no setor de transportes.

Desse modo, incentivou e foi responsável pela negociação da implantação da linha de bondes elétricos na cidade de Lavras. Além disso, Álvaro Botelho, assim como parte da família de Dr. Jorge, ajudou o Dr. Gammon e sua comitiva se estabelecerem na cidade de Lavras, uma vez que os presbiterianos não eram bem aceitos pela sociedade católica da época.

Em imagem a seguir, observa-se a inserção do prédio da escola no local, e os jardins da praça recém-implantados, com a presença de mudas de árvores, buxinho (*Buxus sempervirens*), além de outras espécies. No momento em que a fotografia foi tirada, os bancos ainda não haviam sido instalados na praça.

Figura 15 - O Grupo Escolar Álvaro Botelho, instalado na Praça Dr. Jorge



Data provável: Década de 1930
Fonte: Arquivos Renato Libeck

4.3 A evolução do jardim

À medida que a vegetação se desenvolvia, é possível identificar as espécies que foram ali plantadas, observando-se a presença algumas que permitiam a realização da topiaria, como ficus (*Ficus benjamina*), buxinhos (*Buxus sempervirens*), ciprestes (*Cupressus sempervirens*) e azaléias (*Rhododendron spp.*), enquanto outras eram de crescimento livre, como por exemplo, roseiras (*Rosa spp.*) e primaveras (*Boungainvillea glabra*), esta última inserida no canteiro central da praça. Os canteiros eram abertos com vegetação de porte rasteiro, herbáceo e arbóreo. O espaço também possuía bancos de concreto sem encosto.

As plantas eram podadas conforme era costume na época. Observa-se que os ficus eram mantidos com formato de um guarda-chuva e os buxinhos e ciprestes eram estruturados com linhas mais retas. Um jardineiro vinha de Belo Horizonte especialmente para realizar este trabalho.

Alguns canteiros também possuíam, na parte central, rosas que eram conduzidas no formato de arvoreta, sendo seus troncos forrados com roseiras de porte mais baixo, de crescimento livre. As flores das rosas eram uma das atrações da praça, pois as moradoras ao redor costumavam colher essas flores para ornamentar festas e comemorações. Até mesmo os vestidos das crianças dessa época eram enfeitados com as mini rosas.

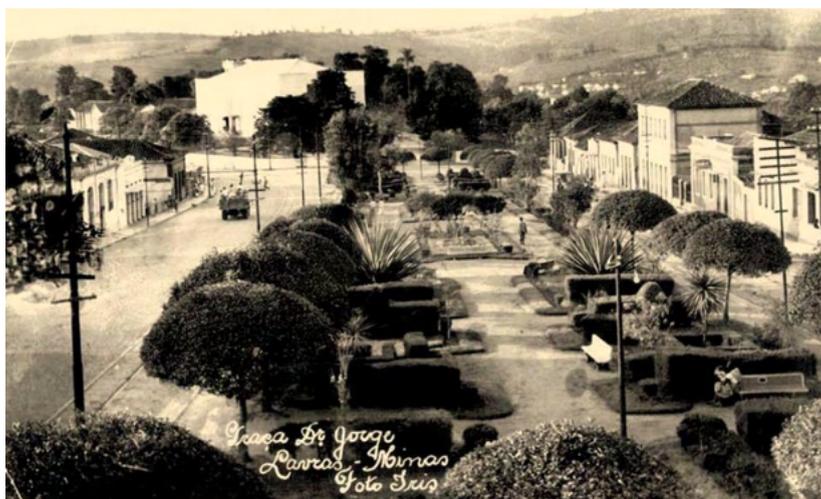
Figura 16 - O interior da praça Dr. Jorge



Data provável: Década de 1940
Fonte: Arquivos Renato Libeck

Visto de outro ângulo, uma imagem registrada posteriormente mostra a presença no jardim de espécies diferentes das já descritas, como furcréias (*Fucraea foetida*), dracenas (*Dracaena marginata*) e as melaleucas (*Melaleuca leucadendron* Linn). Esta última espécie ainda é encontrada no mesmo local.

Figura 17 - A praça Dr. Jorge com canteiros topiados

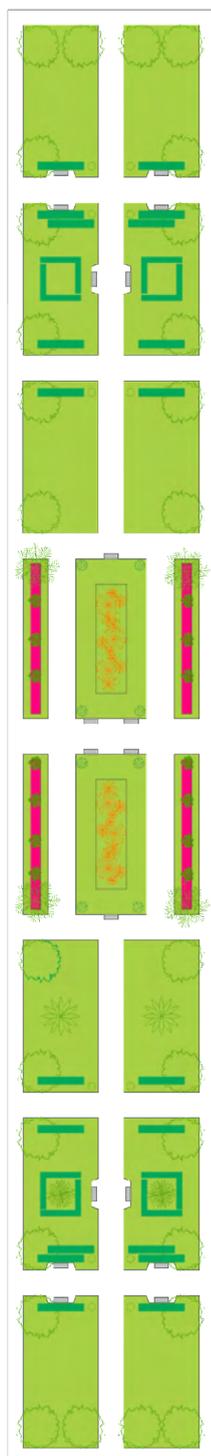


Data provável: Começo da década de 1950
Fonte: Arquivos Renato Libeck

A presença dessas plantas chamavam a atenção devido ao seu formato, uma vez que criavam desenhos e funcionavam também como barreira visual, tanto externa quanto interna, de certas partes do jardim, conferindo ao espaço um caráter formal, próximo ao estilo clássico, como demonstra a planta baixa a seguir:

Figura 18 - Planta com traçado da Praça Dr. Jorge na década de 1930.

Instituto Presbiteriano Gammon



LEGENDA	
SÍMBOLO	ELEMENTO
	Rosciras baixas
	Cerca viva de Cipreste (<i>Cupressus sempervirens</i>)
	Grama inglesa
	Bancos
	Melaleuca (<i>Melaleuca laucadendron L.</i>)
	<i>Ficcus benjamina</i>
	Buxinho (<i>Buxus sempervirens</i>)
	Azaléia (<i>Rhododendron sp.</i>)
	Furcreia (<i>Furcrea foetida</i>)
	Primavera (<i>Bougainvillea spp.</i>)
	Roseiras altas
	Árvore (espécie não identificada)

Casarão da família Zagotta

Autor: Iracema Clara Alves Luz

Além dessas características é possível observar o design dos bancos que, apesar de serem de concreto, mesmo material empregado nos bancos de outras praças da cidade, possuíam uma concepção diferente daqueles que foram colocados na praça no momento de sua inauguração, apresentado linhas mais retilíneas e um desenho vazado no centro do seu encosto.

O dossel de ficus, dependendo do ângulo em que a pessoa estava, interrompia a visão dos casarões mais baixos inseridos ao redor do local, sendo possível avistar apenas aqueles que possuíam dois pavimentos. Percebe-se ainda que a praça começa a contar com uma alta densidade vegetativa.

Nesse momento, as ruas adjacentes à praça e que eram de terra batida começam a receber o calçamento de paralelepípedo.

Figura 19 - A praça Dr. Jorge prestes a receber o calçamento de paralelepípedo



Data provável: Começo da década de 1950

Fonte: Arquivos Renato Libeck

Próximo a época do registro dessa imagem, foi plantada na praça a tipuana (*Tipuana tipu*), árvore repleta de simbolismo para os lavrenses.

4.3.1 A filha da árvore monumento

O poema de Bi Moreira, chamado “Tipuana II”, nos revela diversas curiosidades sobre o surgimento da tipuana (*Tipuana tipu*) na Praça Dr. Jorge:

Tipuana II

*“Na praça principal eras semente:
Caíste ao chão e logo germinaste;
Mão boa e amiga, cuidadosamente,
Te transplantou e aqui te enraizaste.*

*Sob a materna copa, humildemente,
Durante uma estação te agasalhaste;
E agora és tu que, generosamente,
Redistribuis o bem que desfrutaste.*

*As duas praças lembras pai e filho.
E tu aqui e lá a genetriz,
Ambas servindo com bondade e brilho.*

*Seguindo o belo e maternal exemplo,
Doas abrigo ao povo que, feliz,
Procura a paz e a sombra deste templo.”*

Bi Moreira, 1980

A primeira delas é que a tipuana plantada na Praça Dr. Jorge era proveniente da árvore cultivada na Praça Dr. Augusto Silva, principal jardim público da cidade. Após a florada, os frutos da tipuana caíram e um deles, derivado da germinação na Praça Dr. Augusto Silva, foi posteriormente transplantado para um dos canteiros da Praça Dr. Jorge.

Outro fato discriminado por Bi Moreira era a circunstância de o Dr. José Jorge da Silva ser pai de Dr. Augusto José da Silva, mas foi a praça com o nome do filho que gerou a semente que deu origem ao exemplar inserido na praça com o nome do pai, demonstrando que houve uma inversão de papéis pertinente à natureza, tornando a presença desta espécie nas duas praças algo singular na história de Lavras.

O responsável pelo plantio da muda na Praça Dr. Jorge, ou como o próprio Bi Moreira disse, “mão boa e amiga”, foi o Sr. Paulo Torres, que junto com a Sra. Maria Francisca Pereira de Pádua, ambos moradores da praça, cuidavam da árvore. Após crescida, os alunos do Grupo Escolar Álvaro Botelho costumavam brincar usando os troncos da árvore como suporte, o que deixava Sr. Paulo Torres preocupado com a situação devido aos danos causados à árvore.

Hoje, a tipuana ainda se encontra cultivada na Praça Dr. Jorge, oferecendo a quem utiliza o espaço, sombra e beleza devido ao seu majestoso tamanho.

Figura 20 - A tipuana plantada pelo Sr. Paulo Torres na Praça Dr. Jorge



Data: 19 de janeiro de 2018
Autor: Rafael de Brito

4.3.2 A primeira reforma

Após seu período de esplendor, a praça passa então por uma fase de abandono e escuridão, período correspondente ao final da década de 1950. Por esse motivo, devido a reclamações e campanha de diversos moradores, foi realizada a primeira reforma da praça, que aconteceu no ano de 1961, durante o governo municipal de Tuffi Hadad. Nessa reforma,

parte do seu traçado foi preservado, entretanto alguns canteiros da porção central do jardim foram unidos enquanto que outros da porção norte foram retirados para dar lugar a uma via que corta a praça em diagonal, construída para facilitar o trânsito de carros da parte central da cidade em direção a Estação Ferroviária de Lavras.

Com relação à vegetação, esta sofreu grandes modificações. As plantas topiadas foram eliminadas, permanecendo apenas os ficus (na porção sul da praça), os buxinhos, as melaleucas e a tipuana. Novos exemplares de palmeiras, como por exemplo, a palmeira real (*Roystonea regia*), coníferas como tuais (*Thuja occidentalis*) e outras espécies, foram inseridas nos canteiros. Algumas delas, por estarem mais desenvolvidas, provavelmente foram inseridas antes da reforma. Portanto, a composição vegetativa da praça passa a não ter um estilo definido.

Elementos estruturais, como os bancos, foram substituídos por novos modelos, também feitos de concreto e semelhantes aos usados na época nas demais praças de Lavras e seu piso, que era de terra batida, foi cimentado.

Figura 21 - A primeira reforma ocorrida na Praça Dr. Jorge



Data provável: Começo da década de 1960
Fonte: Arquivos Renato Libeck

Nesse período, a praça era constantemente frequentada por crianças e jovens que causavam confusão devido à realização de brincadeiras de mau gosto nas edificações ao redor, principalmente com o casarão dos Zagotta e que, por isso, eram chamados pelos

moradores mais velhos de "cachorros", ficando o local então conhecido como "Praça dos Cachorros".

4.3.3 As mudanças posteriores

Sob outras administrações, a praça era ora esquecida, ora lembrada. Desse modo, os anos seguintes são marcados por períodos intermitentes de manutenção, que gradualmente foram transformando a praça devido a sucessivas intervenções.

A imagem a seguir, provavelmente do meio da década de 1960, mostra que boa parte da configuração implementada na reforma de 1961 foi mantida, com a exceção dos caminhos que foram então pavimentados com pedra "São Tomé". Também é possível observar demais detalhes, como o porte elevado das árvores e o limite dos canteiros, delimitados por estruturas de concreto moderadamente elevadas do chão. Os bancos, igualmente de concreto, eram circundados em sua parte de trás por esta delimitação. Os buxinhos, presentes desde o surgimento da praça, foram mantidos, prevalecendo nos canteiros o uso da grama como forração.

Figura 22 - Fotografia de uma garota na década de 1960 onde é possível observar características do interior da Praça Dr. Jorge



Data provável: Década de 1960
Fonte: Arquivos Renato Libeck

Entre os anos de 1967 e 1968, a praça se tornou alvo de críticas devido à má iluminação, bancos em quantidades insuficientes e ausência de ponto fixo para a apresentação de festas populares e cinema ao ar livre.

Por isso, foi elaborado um projeto de melhoria do espaço, em parceria com a antiga ESAL (Escola Superior de Agricultura), atual UFLA, e de autoria do Prof. Dr. Carlos Frederico Hermeto Bueno, do Departamento de Engenharia, a pedido dos moradores do local. O projeto foi entregue ao prefeito municipal da época, Sr. João Modesto de Souza. Assim, o problema dos bancos e iluminação foi resolvido no ano posterior, em 1969. Entretanto, a solicitação de construção do coreto (ponto fixo para apresentações culturais) nunca foi concretizada.

Em imagem posterior, observa-se a mudança de alguns aspectos da praça, uma vez que são cultivadas espécies floríferas ao redor dos bancos de concreto. Percebe-se também a presença de postes de iluminação, provavelmente de vapor de mercúrio, e que foi inserida por ocasião dos festejos do centenário do Dr. Gammon, sendo esta custeada por particulares.

Figura 23 - A Praça Dr. Jorge nos anos 1970



Data provável: Década de 1970
Fonte: Arquivos Renato Libeck

Na época, os canteiros de diversas praças de Lavras, como por exemplo, a Praça Monsenhor Domingos Pinheiro, Praça Dona Josefina e Praça Dr. Augusto Silva foram cercados. O mesmo aconteceu na Praça Dr. Jorge.

Posteriormente, na década de 1990, a praça volta a ser objeto de reclamações devido a diversos problemas, como canteiros sem forração, plantio inadequado ou presença de árvores degradadas pela ação do tempo, piso elevado pelas raízes das árvores (o que dificultava o tráfego de pessoas), bancos e iluminação em quantidade inadequada e a realização do carnaval, que deteriorava o ambiente.

Desse modo, uma reforma foi realizada a partir de projeto elaborado pelo arquiteto Evandro Menicucci, no ano de 1996. Este projeto foi feito com base em uma pesquisa de opinião realizada pelo Setor de Paisagismo e Floricultura da Universidade Federal de Lavras no ano de 1995. Nessa intervenção, a área dos canteiros foi reduzida e elevada em relação ao nível do solo, com o intuito de diminuir o mínimo possível os danos causados aos canteiros pelo pisoteio excessivo. Os bancos foram trocados por modelos de metal. O piso também foi substituído por outro de de cimento, cobrindo quase toda a área da praça, o que a deixava de fora da quantificação do Índice De Áreas Verdes (IAV) da cidade devido ao seu alto nível de impermeabilização.

Figura 24 - A praça Dr. Jorge após modificações realizadas na década de 1990



Data: Ano 2000

Fonte: Arquivos Renato Libeck

Ainda nesta década, mais precisamente na gestão do prefeito João Batista Soares da Silva, foi construído um ponto de táxi e instalada uma banca de venda de livros espíritas.

Figura 25 - Antigo ponto de táxi na Praça Dr. Jorge



Data: 19 de janeiro de 2018

Autor: Rafael de Brito

Com relação ao carnaval, a festividade aconteceu ali até o ano de 2001, quando, devido a diversas reclamações e a consequente mobilização dos residentes por meio da confecção de um abaixo assinado, o evento passou a acontecer em outros locais da cidade.

4.3.4 Transformações do espaço circundante

Nos anos 2000, com a necessidade de crescimento e modernização, antigos casarões lavrenses foram vendidos ou descaracterizados para abrigar empreendimentos imobiliários e por isso, em maio de 2002 o sobrado dos Zagotta, símbolo arquitetônico dos anos 1920 e da imigração italiana em Lavras, foi demolido para dar lugar a um posto de gasolina e uma padaria. Assim, a praça perdeu a sua maior referência arquitetônica.

Figura 26 - Início da demolição do casarão dos Zagotta



Data: 2002

Fonte: Arquivos Renato Libeck

Desde a demolição do casarão do Sr. Zagotta, em 2002, a Praça Dr. Jorge não possui mais um dos principais marcos arquitetônicos que compunham parte da identidade visual, restando ao redor da praça construções, como o prédio Escola Municipal Álvaro Botelho que, após a realização de estudos, foi pintado em tom terroso, da mesma tonalidade do solo encontrado na Praça Dr. Jorge, como forma de prestar uma homenagem ao local que exerce uma função social, histórica e ambiental para escola, assim como também para a sociedade.

Figura 27 - A Escola Municipal Álvaro Botelho, com sua fachada pintada em cor que remete à da terra encontrada na Praça Dr. Jorge



Data: 9 de setembro de 2019
Autor: Iracema Luz

4.3.5 As últimas grandes reformas

No ano seguinte à demolição do casarão, em dezembro de 2003, foi realizada uma grande reforma do local. Nesta intervenção, os bancos de metal foram substituídos por de madeira e ferro, novos modelos de postes, assim como mastros e um pergolado de madeira, foram instalados e todo o piso de cimento foi substituído por um novo. Na porção sul, a praça perdeu 2 metros de extensão para a ampliação de uma rua existente.

Com relação à vegetação, os canteiros foram novamente rebaixados e ampliados, e espécies ornamentais como agave dragão (*Agave attenuata*), azaléias (*Rhododendron simsii*), bulbine (*Bulbine frustescens*), buxinhos (*Buxus sempervirens*), fórmio (*Phormium tenax*), estrelícia (*Strelitza reginae*), moréias (*Dietes bicolor*), podocarpos (*Podocarpus macrophyllus*) e palmeiras fênix (*Phoenix sp.*) foram plantadas. O projeto de revitalização foi de autoria do agrônomo Tadeu de Pádua, que recebeu assessoria da paisagista Carla Emerick, sendo inaugurado no dia 23 de dezembro de 2003.

Figura 28 - Praça Dr. Jorge com estrutura e parte da vegetação renovadas



Data provável: 2004

Fonte: Arquivos Renato Libeck

Posteriormente, foi feita uma outra revitalização de menor magnitude, realizada no ano de 2007. Esta promoveu algumas alterações pontuais, como por exemplo, a retirada de algumas espécies ornamentais e plantio de outras, como bromélias imperiais (*Alcantarea imperialis*), alpinas (*Alpinia purpurata*), barba de serpente (*Liriope muscari*) e ornamentais anuais, a troca dos postes para modelos que se adequassem ao padrão CEMIG - Companhia Energética de Minas Gerais, e pintura do piso na cor amarela.

Figura 29 - Praça Dr. Jorge após a intervenção realizada em 2007



Data provável: Anos 2000

Fonte: Arquivos Renato Libeck

Ao final do ano de 2020, especificamente durante o mês de dezembro sob a gestão do atual prefeito de Lavras, Dr. José Cherem a praça passou por mais uma revitalização, ocorrendo a reforma dos bancos de ferro e madeira, troca dos pisos e a implementação de novas lixeiras. A pavimentação foi realizada com pisos impermeáveis na cor cinza, sendo os canteiros delimitados com meio fio.

Figura 30 - Novo piso implementado ao final do ano de 2020, Praça Dr. Jorge.



Data: 04 de outubro de 2021
Autor: José Matheus de Britto

4.3.6 A praça na atualidade

Atualmente, o aspecto que a praça apresenta é resultado do conjunto de inúmeras intervenções feitas em seu espaço físico ao longo do tempo. Suas características e

elementos iniciais, de quando a praça esteve no auge de sua beleza com estilo definido como clássico foram se transformando e dando lugar a um novo e não definido.

Com relação a sua estrutura, a praça mantém os bancos de ferro e madeira remanescentes da reforma ali realizada em 2004 e os postes da intervenção promovida em 2007. Com exceção da via que a corte em diagonal, a área da praça, correspondente a 2.265 m², foi mantida quase que intacta quando comparada com a que possuía no momento do seu surgimento. Contudo, seu traçado foi bastante modificado, como mostra a representação a seguir:

Figura 31 - Planta baixa atual da Praça Dr. Jorge



Posto de gasolina

LEGENDA	
SÍMBOLO	ELEMENTO
■	Canteiros
1	Banca de jornal
2	Cabine de ferro e vidro

Autor: Iracema Clara Alves Luz

Durante a última revitalização no ano de 2020 a praça perdeu alguns componentes que estavam ali inseridos, ponto de táxi (o mesmo que foi construído na década de 1990) foi demolido dando lugar agora a uma cabine sem uso específico, confeccionada por material

de ferro e vidro. A mesa de xadrez e o trailer de lanches também deixaram de existir. Existe ainda uma banca de jornais. A praça ainda conta com uma placa alusiva à revitalização promovida pela gestão municipal de Dr. José Cherem, implantada durante o ano de 2020.

Figura 32 - Nova cabine sem uso na Praça Doutor Jorge



Data: 04 de outubro de 2021
Autor: José Matheus de Britto

Figura 33 - Monumento referente a última revitalização e Monumento em comemoração aos 100 anos da Loja Maçônica Deus e Caridade na Praça Doutor Jorge.



Data: 04 de outubro de 2021
 Autor: José Matheus de Britto

No início do ano de 2021, como forma de comemoração aos 100 anos da Loja Maçônica Deus e Caridade, a praça ganhou um novo monumento, sendo 2019 o centésimo ano de fundação. O monumento é revestido por mármore, possuindo base retangular e em seu topo carrega o símbolo da Maçonaria.

No que se refere a sua vegetação, em 2017 foi realizada uma intervenção que modificou sua composição vegetativa. Na ocasião, exemplares de plantas diversas, como agaves (*Agave spp.*), jasmim-manga (*Plumeria rubra*) e zínias (*Zinnia elegans*) foram inseridos sem um estudo prévio da compatibilidade dessas plantas com o ambiente e o projeto original. Apesar dessas modificações, sua porção arbórea é preservada ao longo do tempo, conferindo sombra e conforto aos seus usuários. Espécies arbóreas, como ficus (*Ficus benjamina*), ipês (*Handroanthus spp.*), malaleuca (*Melaleuca leucadendron* Linn), pau-ferro (*Caesalpinia leiostachya*), sibipiruna (*Caesalpinia pluviosa*), tipuana (*Tipuana tipu*) e outras espécies não identificadas são observadas na praça, presente na figura 34. Associado a isso, percebe-se que a vegetação da praça carece de uma manutenção mais eficiente.

Figura 34 - Os canteiros da Praça Dr. Jorge



Data: 19 de janeiro de 2018

Autor: Rafael de Brito

4.3.7 As apropriações contemporâneas

Assim como desde o início da sua constituição, a principal apropriação da praça é para uso com fins de lazer e fruição, sendo frequentada principalmente por moradores da região e estudantes. Algumas vezes, a praça também é aproveitada por escolas presentes no entorno, como o Instituto Presbiteriano Gammon e Escola Municipal Álvaro Botelho, para realização de aulas extraclases.

Por estar inserida em um ponto central baixo, mas de grande movimento, a praça também serve como espaço de concentração e partida de manifestações com pautas políticas, econômicas ou sociais, que geralmente seguem em direção à parte mais alta da cidade.

Hoje, a praça é conhecida principalmente por abrigar uma tradicional feira ao ar livre de produtos rurais. A feira funciona ali desde o ano de 1958 e, devido a sua importância para a cidade, em 2017 foi declarada como Patrimônio Cultural de Lavras, por meio do Projeto de Lei nº 104/16.

Figura 35 - A feira ao ar livre de produtos rurais da Praça Dr. Jorge



Data: 5 de outubro de 2021
Autor: José Matheus de Brito

5. CONCLUSÃO

Diante do resgate de informações, levantamentos e da análise paisagística sociocultural e histórica, pode-se concluir que a praça Dr. Jorge desempenhou e desempenha grande influência para a cidade de Lavras e para o cenário que compreende o patrimônio cultural brasileiro.

O compilado de dados obtidos ao longo do desenvolvimento do trabalho enriquecem a documentação da história de Lavras uma vez que a praça representa para a cidade um espaço de convívio e um ambiente historicamente posicionado na região central. No passado, possuía em seu entorno o casarão da família Zagotta, antigo ponto de comércio e de arquitetura diferenciada, conferindo *status* de monumento edificado frente à praça. Além disso, encontra-se até os dias atuais duas importantes escolas.

A praça também é palco de uma feira semanal, hoje consolidada como patrimônio cultural de Lavras. Sendo uma importante via econômica para o pequeno produtor rural, desde 1958 mantendo o contato dos mesmos diretamente com o consumidor.

Entretanto, ao longo dos anos, muitos dos elementos originais da praça foram alterados. A demolição do Casarão em 2002, a modificação dos canteiros e a posterior divisão da praça através de uma rua foram alguns dos eventos que ajudaram a configurar a praça atual, cada vez mais distante de suas características e estilo definidos em sua concepção.

A falta de um projeto para a conservação conferiu à praça um aspecto discordante, uma vez que não foi prezado um estilo específico para as transformações internas da praça. Seu traçado foi modificado ostensivamente, perdendo as características iniciais. Os canteiros não possuem uma configuração fixa, recebendo diferentes espécies a cada nova reforma e revitalização.

Atualmente, a praça é composta em sua maioria de um conjunto de espécies arbóreas que dominam o espaço, preterindo os canteiros, arbustos e vegetação rasteira. A falta de um planejamento paisagístico para balancear e evidenciar o cuidado com parte estética, com uma presença mais valorizada dos canteiros e espécies com maior teor ornamental, afastam a praça do seu ápice de sua beleza, durante seus primórdios.

REFERÊNCIAS

Entrevistas

CICARELLI, E. **Fatos históricos relacionados à Praça Dr. Jorge em Lavras – MG.** Lavras, 12 de dez. de 2017. Entrevista concedida a Iracema Clara Alves Luz e José Mateus Britto.

FERREIRA, C. Z. **Lembranças da família Zagotta em Lavras - MG.** Lavras, 10 de jan. de 2018. Entrevista concedida a Iracema Clara Alves Luz.

MOREIRA, A. P. C. **Curiosidades sobre a Praça Dr. Jorge em Lavras – MG.** Lavras, 8 de nov. de 2017. Entrevista concedida a Iracema Clara Alves Luz e José Mateus Britto.

PÁDUA, M. F. P. **Memórias sobre a Praça Dr. Jorge em Lavras – MG.** Lavras, 10 de nov. de 2017. Entrevista concedida a Iracema Clara Alves Luz.

RODRIGUES, B. O. **A feira livre da Praça Dr. Jorge em Lavras – MG.** Lavras, 14 de dez. de 2017. Entrevista concedida a José Mateus Britto.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, R. O velho que acordou menino. São Paulo: **Editora Planeta do Brasil**, 2005. 269 pp.

ANDRADE, J. A. de. Praça Dr. Jorge. **Tribuna de Lavras.** Lavras, 13 mar., ano 37, n. 2152, 2004.

ANDRADE, I. E. Construção e desconstrução do conceito de jardim histórico. **Revista de Pesquisas em Arquitetura e Urbanismo**, São Carlos, São Paulo. [s.n.] , 2008. v. 8, n. 2, p. 138-144.

ANGELIS, B. L. D. D.; ANGELIS NETO, G. D. Jardins históricos: introduzindo a questão . **Paisagem e Ambiente**, [S. l.], n. 19, p. 31-48, 2004. DOI: 10.11606/issn.2359-5361.v0i19p31-48. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/40218>. Acesso em: 2 nov. 2021.

Art. 216 da Constituição Federal, Brasil. Disponível em < https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_216_.asp> Acessado em 20/10/2021.

BEZERRA, A. A. Instituto Gammon. Dedicado a glória de Deus e ao progresso humano. Rio de Janeiro: **H. P. Comunicação**. 2016. 384 pp.

BOLDRIN, K. V. F.; GARCIA, C. S. G.; PAIVA, P. D. O.; CARVALHO, L. M. Quantitative inventory and analysis of the green areas in Lavras-MG and index evolution. **Ornamental Horticulture**, Campinas, v. 22, n.2, p. 138 -142, 2016.

CARNAVAL em Lavras deixa rastro de destruição na Praça Dr. Jorge. **Tribuna de Lavras**, Lavras, 4 mar. 1995.

CARTA DE FLORENÇA. Conselho Internacional de Monumentos e Sítios – ICOMOS, maio de 1981

- COELHO, S. J.; MIRANDA, A. M. P. de. Praça Dr. Jorge: histórico. **Tribuna de Lavras**, Lavras, 18 nov. 1995.
- COELHO, S. J.; MIRANDA, A. M. P. de. Praça Dr. Jorge: proposta de reforma. **Tribuna de Lavras**, Lavras, 9 dez. 1995.
- COELHO, S. J.; MIRANDA, A. M. P. de. Praça Dr. Jorge: situação atual. **Tribuna de Lavras**, Lavras, 2 dez. 1995.
- COMEÇOU a demolição do sobrado do Zagotta. **Lavras News**, Lavras, 11 mai. 2002.
- COSTA, F. Doutor Augusto Silva. **História de Lavras**, Lavras, 17 de dez. 2015. Disponível em: <<http://historiadelavras.blogspot.com.br/2014/12/17-de-dezembro-doutor-augusto-silva.html>>. Acesso em: 21 nov. 2017.
- COSTA, F. Doutor José Jorge da Silva. **História de Lavras**, Lavras, 05 fev. 2015. Disponível em: <<http://historiadelavras.blogspot.com.br/2015/02/5-de-fevereiro-doutor-jose-jorge-da.html>>. Acesso em: 21 nov. 2017.
- DIAS, J. C. A terra prometida de Lavras. São Paulo: **Editora Barleus**. 2008. 1 ed. 139 pp.
- DELPHIM, C. F. de M. Intervenções em Jardins Históricos: manual. Brasília: IPHAN, 2005, pp. 28-30.
- FEIRINHA da praça Dr. Jorge agora é patrimônio cultural de Lavras. **Lavras 24 horas**. Lavras, 29 de novembro de 2016. Disponível em: <<http://www.lavras24horas.com.br/portal/feirinha-da-praca-dr-jorge-agora-e-patrimonio-cultural-de-lavras/>>. Acesso em 23 jan. 2018.
- FUNARI, Pedro; PELEGRINI, Sandra. Patrimônio histórico e cultural. Rio de Janeiro: **Zahar**, 2006.
- HÁ 132 ANOS morreu um grande personagem da história de Lavras. **Jornal de Lavras**, Lavras, 05 de fev. 2012. Disponível em: <<http://www.jornaldelavras.com.br/index.php?p=10&tc=4&c=3690>>. Acesso em: 20 nov. 2017.
- IPHAN (2010). Carta dos Jardins Históricos Brasileiros, dita Carta de Juiz de Fora - Outubro de 2010. Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20dos%20Jardins%20Historicos.pdf>> . Acesso 20/10/2021
- INAUGURAÇÕES movimentaram a cidade ontem; e hoje tem mais. **Lavras News**, Lavras, 18 ago. 2007.
- LUZ, I.C.A.; PAIVA, P.D.O. **História da Praça Dr. José Esteves - a Praça da Estação de Lavras**. Lavras: Editora UFLA, 2017. (Coleção Praças da Estrada Real. Série Caminhos dos Bandeirantes, 3).
- MOREIRA, S. A. A Praça Dr. Jorge dá exemplo de espírito comunitário. **Tribuna de Lavras**, Lavras, 31 mar. 1968.
- MOREIRA, S. A. Centenário em marcha (um ano de realização por um século de tradição). **Tribuna de Lavras**, Lavras, 5 nov. 1967.

- MOREIRA, S. A. Tipuana II. **Acrópolis**, n. 28. Lavras, 21 set. 1980.
- MELODIA na praça. **Tribuna de Lavras**, Lavras, 14 set. 1969.
- NÉMETH-TORRES, G. História geral de Lavras, Volume I. Lavras, 2018, 296 p.: il.
- NOSSOS campos tem mais flores, nossos bosques tem mais vida. **Tribuna de Lavras**, Lavras, n.167, p.4, 19 jul. 1970.
- PAIVA, P. D. de O.; SOUSA, R. de B.; ALVES, S. F. N. da S. C. Patchwork quilt: A methodology proposed for the study of historic gardens. **Urban Forestry & Urban Greening**, Vol. 62, jul. 2021.
- PAIVA, P.D.O.; ALVES. S.F.N.S.C. **História da Praça do Campus histórico da UFLA – aqui nasceu a universidade**. Lavras: Editora UFLA, 2011. 43p.
- PADARIA São Jorge encerrou suas atividades em Lavras. **Jornal de Lavras**, Lavras, 17 de set. de 2017. Disponível em: <<http://www.lavras24horas.com.br/portal/padaria-sao-jorge-encerrou-suas-atividades-em-lavras/>>. Acesso em: 17 jan. 2018.
- PESQUISA mostra carência de áreas verdes em Lavras. **Lavras News**, Lavras, 10 nov. 2001.
- PRAÇA Dr. Jorge. **Tribuna de Lavras**, Lavras, 1 out. 1988.
- PRAÇA Dr. Jorge em estado de abandono. **Tribuna de Lavras**, Lavras, 9 set. 1995.
- PRAÇA Dr. Jorge será entregue a comunidade esta semana. **Lavras News**, Lavras, 13 dez. 2003.
- PREFEITURA inaugurou e reformou praça em tempo recorde. **Lavras News**, Lavras, 27 dex. 2003.
- Recomendação nº. R (95) 9 sobre a conservação integrada das áreas de paisagens culturais como integrantes das políticas paisagísticas, 1995. E a Convenção Européia da Paisagem, de 2000.
- Recomendação relativa à salvaguarda da beleza e do caráter das paisagens e sítios, Unesco, 1962.
- SANTOS, C. M. A História de Lavras. **Tribuna de Lavras**, Lavras, 17 mar. 1984.
- SILVA, A.T. O jardim de Lavras: Um pouco de História... **Lavras 24 horas**, Lavras, 23 de jul. de 2013. Disponível em: <<http://www.lavras24horas.com.br/portal/o-jardim-de-lavras-um-pouco-de-historia/>>. Acesso em: 20 nov. 2017.
- SILVA, A. T.; PAIVA, P. D. O. Do romantismo à atualidade: Lavras, história de uma praça... Lavras: **Editora Ufla**, 2008. 192 pp.
- SILVA, A. T; VENTURIN, N.; PASSOS, M. P. G. Praça Dr. Jorge, Lavras, MG: A salvaguarda do patrimônio paisagístico. In: PESSOA, A.; FASOLATO, D (Org.). Jardins históricos: Intervenção e valorização do patrimônio paisagístico. Rio de Janeiro: **Fundação Casa de Rui Barbosa**, 2016. p. 45-57.
- SILVA, L. T. O carnaval na Praça Dr. Jorge. **Tribuna de Lavras**, Lavras, 17 jan. 2001.

VILELA, M. S. Formação Histórica dos Campos de Sant'Ana das Lavras do Funil. Lavras: **Editora Indi**, 2007. 450 pp.; il.